



ADOLESCENTES LGBTQIA+ NAS REDES SOCIAIS: PERTENCIMENTO, IDENTIDADE E VULNERABILIDADE NA CULTURA DIGITAL

LGBTQIA+ ADOLESCENTS ON SOCIAL MEDIA: BELONGING, IDENTITY AND VULNERABILITY IN DIGITAL CULTURE

Vander Sebastião Martins¹,
Victor Martins Fontoura²,

Orientadora: Rozineide Iraci Pereira da Silva³

RESUMO: Esse artigo buscou analisar a situação dos adolescentes LGBTQIA+ no ambiente digital, investigando os desafios, vulnerabilidades e potencialidades associados ao uso das redes sociais e demais plataformas digitais. A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica de caráter qualitativo, fundamentada em estudos contemporâneos das áreas da Psicologia do Desenvolvimento, Ciências da Educação, Sociologia e Saúde Mental, com destaque para autores como Steinberg L (2017), Twenge JM (2018), Haidt J (2024), Foulkes L (2024), Galinsky E (2024), Meyer IH (2003) e Crenshaw K (1989), além de pesquisas recentes sobre juventude e mídias digitais. Os resultados evidenciam que as redes sociais desempenham papel ambivalente na vida desses adolescentes. Por um lado, constituem espaços de pertencimento, apoio social, construção identitária e acesso a informações que muitas vezes não estão disponíveis em seus contextos familiares ou comunitários. Por outro, podem ampliar a exposição ao cyberbullying, ao discurso de ódio, à discriminação e a diferentes formas de violência simbólica, intensificando fatores de risco para ansiedade, depressão e sofrimento psicológico. Conclui-se que a compreensão da experiência digital dos adolescentes LGBTQIA+ exige uma abordagem interseccional e multidimensional, capaz de reconhecer simultaneamente as potencialidades e os riscos das plataformas digitais, contribuindo para a promoção da saúde mental, da inclusão social e do desenvolvimento humano integral.

Palavras-chave: Adolescência. LGBTQIA+. Redes sociais.

ABSTRACT: This article sought to analyze the situation of LGBTQIA+ adolescents in the digital environment, investigating the challenges, vulnerabilities, and opportunities

¹Doutorando em Ciências da Educação pela Christian Business School – CBS. Mestre em Filosofia pela Pontifícia Università Gregoriana. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9224-2225>, e-mail: vandermartins57@yahoo.com.br

²Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente (PROCISA/FADIP). Licenciado em Ciências Biológicas (FUNIP), Letras – Português e Inglês (PROMINAS), Química (FUNIP), História (FUNIP) e Geografia (FUNIP). Bacharel em Enfermagem (FADIP). Especialista em Educação Integral (Faculdade Bookplay/SP). Pesquisador em Políticas Públicas e Formação dos Profissionais da Educação (GEPPFOR/UFV). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3037-9595>, e-mail: victorfontoura2000@hotmail.com

³Ph.D. Doutora em Ciências da Educação, Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Psicopedagoga, Pedagoga, Analista do Comportamento Aplicada, Especialista em Escrita Acadêmica Avançada, Professora do Ensino Superior e professora orientadora da Christian Business School-CBS. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6863-7874>, e-mail: rozineide.pereira1975@gmail.com



associated with the use of social media and other digital platforms. The study was conducted through a qualitative bibliographic review based on contemporary research in Developmental Psychology, Educational Sciences, Sociology, and Mental Health, drawing particularly on the works of Steinberg L (2017), Twenge JM (2018), Haidt J (2024), Foulkes L (2024), Galinsky E (2024), Meyer IH (2003), Crenshaw K (1989), as well as recent studies on youth and digital media. The findings indicate that social media plays an ambivalent role in the lives of LGBTQIA+ adolescents. On the one hand, these platforms provide spaces for belonging, social support, identity construction, and access to information that is often unavailable within family or community contexts. On the other hand, they may increase exposure to cyberbullying, hate speech, discrimination, and various forms of symbolic violence, intensifying risk factors for anxiety, depression, and psychological distress. The study concludes that understanding the digital experiences of LGBTQIA+ adolescents requires an intersectional and multidimensional approach capable of recognizing both the opportunities and risks associated with digital platforms, thereby contributing to the promotion of mental health, social inclusion, and holistic human development.

Keywords: Adolescence. LGBTQIA+. Social Media.

INTRODUÇÃO

A adolescência constitui um dos períodos mais importantes para a construção da identidade pessoal, social e afetiva. Durante essa etapa do desenvolvimento humano, os jovens procuram responder a questões fundamentais relacionadas à própria identidade, ao pertencimento grupal, às relações interpessoais e à definição de projetos para a vida adulta. Trata-se de um processo complexo para qualquer adolescente, mas que pode assumir desafios adicionais quando envolve experiências relacionadas à orientação sexual, à identidade de gênero ou à expressão de gênero que se afastam das expectativas normativas predominantes em determinado contexto social.

Nas últimas décadas, pesquisadores têm chamado atenção para as condições particulares enfrentadas por adolescentes Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais e mais (LGBTQIA+). Diversos estudos apontam que esses jovens apresentam maior exposição a experiências de discriminação, rejeição familiar, bullying, violência verbal, exclusão social e sofrimento psicológico quando comparados aos seus pares heterossexuais e cisgêneros. Tais fatores não decorrem da orientação sexual ou da identidade de gênero em si mesmas, mas das respostas sociais frequentemente dirigidas a indivíduos que pertencem a grupos historicamente marginalizados.

Paralelamente a esse cenário, as redes sociais digitais passaram a ocupar posição central na vida cotidiana dos adolescentes. Os jovens que atualmente ingressam na adolescência nasceram em um contexto no qual smartphones, internet móvel e plataformas



digitais já constituíam elementos ordinários da vida social. Como observam Twenge JM (2018) e Haidt J (2024), trata-se da primeira geração que experimenta integralmente seu processo de desenvolvimento em um ambiente permanentemente conectado, marcado por redes sociais, algoritmos de recomendação, comunicação instantânea e exposição contínua a conteúdos digitais.

Essa transformação tecnológica produziu mudanças profundas nas formas de socialização juvenil. As redes sociais deixaram de ser simples ferramentas de comunicação para se tornarem espaços de construção identitária, busca por pertencimento, expressão emocional e formação de comunidades. Para muitos adolescentes, parte significativa das amizades, dos interesses pessoais e das interações sociais passou a ocorrer em ambientes digitais.

No caso dos adolescentes LGBTQIA+, essa realidade adquire características particulares. Diferentemente de muitos adolescentes heterossexuais, que frequentemente encontram modelos de identificação e apoio em seus próprios ambientes familiares e comunitários, jovens LGBTQIA+ podem enfrentar dificuldades para encontrar pessoas que compartilhem experiências semelhantes às suas. Em determinados contextos, sentimentos de isolamento, invisibilidade ou incompreensão tornam-se experiências recorrentes durante o processo de descoberta e afirmação identitária.

Nesse cenário, as redes sociais podem desempenhar funções ambivalentes. Por um lado, oferecem oportunidades inéditas de acesso à informação, contato com pares, participação em comunidades de apoio e desenvolvimento de um sentimento de pertencimento. Jovens que se sentem isolados em seus contextos locais podem encontrar, por meio das plataformas digitais, pessoas com experiências semelhantes, modelos positivos de identificação e espaços de acolhimento emocional.

Por outro lado, esses mesmos ambientes podem expor adolescentes LGBTQIA+ a formas específicas de vulnerabilidade. Cyberbullying, discursos de ódio, assédio online, discriminação e violência simbólica continuam presentes em muitas plataformas digitais. Além disso, algoritmos de recomendação e dinâmicas próprias das redes sociais podem amplificar conteúdos hostis, reforçar estereótipos e contribuir para experiências negativas relacionadas à saúde mental.

A compreensão dessas experiências exige uma abordagem capaz de ultrapassar interpretações simplistas que apresentem as redes sociais apenas como ameaça ou apenas como solução. Conforme sugerem Lee AY, et al. (2025), os ambientes digitais funcionam simultaneamente como espaços de risco e de proteção, dependendo das



características dos usuários, dos contextos de utilização e das experiências sociais vividas por cada grupo.

Nesse sentido, a Teoria do Estresse Minoritário, desenvolvida por Meyer IH (2003), oferece importante referencial analítico para compreender as experiências de adolescentes LGBTQIA+. Segundo essa perspectiva, indivíduos pertencentes a grupos socialmente marginalizados estão expostos a formas adicionais de estresse decorrentes da discriminação, do preconceito e da expectativa constante de rejeição. Tais fatores contribuem para explicar parte das diferenças observadas nos indicadores de saúde mental entre populações minoritárias e majoritárias.

Complementarmente, a perspectiva da interseccionalidade, proposta por Crenshaw K (1989), permite compreender que experiências relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero frequentemente se articulam com outras dimensões sociais, como raça, etnia, classe social, religião e gênero. Dessa forma, adolescentes LGBTQIA+ não constituem um grupo homogêneo, mas um conjunto diverso de trajetórias marcadas por diferentes formas de privilégio e vulnerabilidade.

Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar o papel desempenhado pelas redes sociais na vida de adolescentes LGBTQIA+, investigando simultaneamente seus potenciais benefícios e riscos para a saúde mental, a construção da identidade e o sentimento de pertencimento social. Parte-se da hipótese de que as plataformas digitais constituem espaços ambivalentes, capazes tanto de promover apoio, reconhecimento e formação de comunidades quanto de reproduzir mecanismos de exclusão, discriminação e sofrimento psicológico.

Ao compreender essa ambivalência, pretende-se contribuir para uma análise mais equilibrada das relações entre adolescência, diversidade sexual e cultura digital, oferecendo subsídios para educadores, famílias, profissionais da saúde e pesquisadores interessados na promoção do desenvolvimento saudável de adolescentes em uma sociedade crescentemente mediada pelas tecnologias digitais.

MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. Foram analisadas obras e artigos científicos nacionais e internacionais relacionados à adolescência, saúde mental, diversidade sexual, identidade de gênero e uso das redes sociais digitais. O levantamento bibliográfico contemplou autores das áreas da Psicologia do Desenvolvimento, Ciências da Educação, Sociologia e Saúde Mental, buscando



compreender os desafios e potencialidades vivenciados por adolescentes LGBTQIA+ no ambiente digital. A análise dos dados ocorreu por meio de leitura interpretativa e comparação dos principais referenciais teóricos selecionados.

RESULTADOS

ADOLESCÊNCIA, IDENTIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL

A adolescência representa uma etapa singular do desenvolvimento humano, marcada por profundas transformações biológicas, cognitivas, emocionais e sociais. Mais do que uma simples transição entre infância e vida adulta, trata-se de um período caracterizado pela construção progressiva da identidade pessoal e pela redefinição das relações do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com a sociedade. Questões relacionadas ao pertencimento, à autonomia, à amizade, à sexualidade e aos projetos de vida assumem importância crescente, tornando essa fase particularmente sensível às influências do contexto social.

Steinberg L (2017) observa que a adolescência corresponde a um dos períodos de maior reorganização psicológica do ciclo vital. As mudanças provocadas pela puberdade não se limitam às transformações corporais. Elas alteram igualmente a maneira pela qual o adolescente percebe a si mesmo, interpreta o olhar dos outros e constrói sua inserção nos grupos sociais. O desenvolvimento da capacidade de reflexão abstrata permite que os jovens formulem perguntas mais complexas acerca da própria identidade e do lugar que ocupam no mundo.

Nesse contexto, a necessidade de pertencimento adquire relevância especial. Foulkes L (2024) destaca que a adolescência é profundamente marcada pela importância dos pares e pela busca de reconhecimento social. Os grupos de amizade desempenham papel central na construção da identidade, oferecendo modelos de comportamento, oportunidades de experimentação social e espaços de validação interpessoal. A aceitação pelos pares, além de representar uma experiência agradável, passa a exercer também uma influência significativa sobre autoestima, bem-estar psicológico e percepção de valor pessoal.

A autora observa ainda que a adolescência constitui um período particularmente intenso de conformidade social. Contrariamente à imagem popular do adolescente como alguém que rejeita regras e convenções, muitos jovens procuram adaptar-se às normas predominantes em seus grupos de referência, especialmente quando tais normas estão associadas à popularidade e ao reconhecimento social (FOULKES L, 2024). O desejo de



pertencimento frequentemente leva adolescentes a ajustar comportamentos, linguagem, aparência e interesses às expectativas dos pares.

Esse processo adquire complexidade adicional quando envolve questões relacionadas à orientação sexual ou à identidade de gênero. Durante a adolescência, muitos jovens começam a reconhecer sentimentos, desejos e formas de identificação que podem diferir das expectativas heteronormativas predominantes em seus ambientes familiares, escolares ou religiosos. A descoberta dessas diferenças nem sempre ocorre em contextos favoráveis (MAES C, et al., 2025). Em muitos casos, ela é acompanhada por sentimentos de incerteza, medo da rejeição, conflitos internos e dificuldades para encontrar espaços seguros de expressão.

É importante ressaltar que a diversidade sexual e de gênero não constitui um fenômeno novo. O que muda historicamente são as formas pelas quais diferentes sociedades interpretam, regulam e acolhem essas experiências. Contudo, para o adolescente que se percebe diferente da maioria dos seus pares, essa distinção pode assumir grande importância psicológica. Em uma fase da vida na qual a aceitação grupal desempenha papel central, qualquer característica percebida como fonte potencial de exclusão tende a adquirir peso emocional significativo.

A literatura sobre desenvolvimento adolescente mostra que a formação da identidade envolve processos simultâneos de exploração e compromisso. Os jovens experimentam diferentes formas de pensar, agir e relacionar-se até construírem uma compreensão relativamente estável de quem são. Para adolescentes LGBTQIA+, esse percurso frequentemente inclui a reflexão sobre sentimentos afetivos, orientação sexual, identidade de gênero e formas de expressão pessoal que nem sempre encontram representação positiva nos ambientes imediatos em que vivem.

Nesse sentido, a experiência da invisibilidade constitui um elemento frequentemente mencionado na literatura. Muitos adolescentes crescem sem encontrar referências significativas que reflitam suas próprias experiências. Popoviciu CM (2025) argumenta que a representação de identidades diversas nos ambientes digitais possui importância particular para grupos historicamente sub-representados, pois contribui para processos de reconhecimento e validação identitária. Enquanto jovens heterossexuais costumam encontrar modelos de identificação em familiares, professores, personagens de filmes, músicas e narrativas culturais amplamente difundidas, adolescentes LGBTQIA+ podem enfrentar maior dificuldade para localizar figuras com as quais se identifiquem plenamente.



Essa ausência de referências pode produzir sentimentos de isolamento e solidão.

Foulkes L (2024) observa que a exclusão social durante a adolescência possui consequências que ultrapassam o período escolar. Experiências de rejeição, humilhação, discriminação e bullying podem influenciar a forma como os indivíduos percebem a si mesmos durante muitos anos, afetando autoestima, relações interpessoais e saúde mental.

Galinsky E (2024) apresenta observação semelhante ao demonstrar que adolescentes que se sentem discriminados apresentam maiores níveis de estresse, menor autoestima, pior desempenho escolar e maior risco de sintomas depressivos e de suicídio. Embora a autora trate principalmente da discriminação associada à própria condição adolescente, suas conclusões ajudam a compreender como experiências de rejeição podem afetar negativamente o desenvolvimento psicológico.

A compreensão dessas dinâmicas torna-se particularmente importante quando se considera a Teoria do Estresse Minoritário. Segundo Meyer IH (2003), indivíduos pertencentes a grupos socialmente marginalizados estão expostos a formas adicionais de estresse decorrentes da discriminação, do preconceito, da expectativa de rejeição e da necessidade constante de gerir situações potencialmente hostis. Esse estresse não resulta de características pessoais, mas das condições sociais nas quais esses indivíduos vivem.

Aplicada à adolescência, essa perspectiva permite compreender por que muitos jovens LGBTQIA+ apresentam indicadores mais elevados de sofrimento psicológico quando comparados aos seus pares heterossexuais. O fator explicativo central não reside na orientação sexual ou na identidade de gênero, mas na exposição repetida a contextos de rejeição, invisibilidade ou hostilidade social.

Entretanto, seria equivocado reduzir a experiência de adolescentes LGBTQIA+ apenas à vulnerabilidade. Assim como outros adolescentes, esses jovens também desenvolvem estratégias de adaptação, constroem redes de apoio, estabelecem amizades significativas e encontram espaços de pertencimento capazes de favorecer seu desenvolvimento. A adolescência continua sendo um período de descoberta, criatividade, experimentação e crescimento, ainda que marcado por desafios específicos.

Essa observação torna-se particularmente relevante para a análise das redes sociais. Se, por um lado, a busca por pertencimento pode tornar adolescentes LGBTQIA+ mais sensíveis a experiências de rejeição online, por outro lado, as plataformas digitais também oferecem oportunidades inéditas para encontrar pessoas com experiências semelhantes, acessar informações relevantes e participar de comunidades de apoio.

Desta forma, compreender a relação entre adolescência, identidade e diversidade sexual constitui condição indispensável para analisar adequadamente o papel desempenhado pelas redes sociais na vida desses jovens. Antes de serem usuários de plataformas digitais, adolescentes LGBTQIA+ continuam sendo adolescentes: sujeitos em processo de construção identitária, em busca de reconhecimento, pertencimento e aceitação em um período particularmente sensível do desenvolvimento humano.

REDES SOCIAIS COMO ESPAÇOS DE PERTENCIMENTO, APOIO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A compreensão da relação entre adolescentes LGBTQIA+ e redes sociais exige uma abordagem que ultrapasse interpretações simplistas. Embora parte significativa do debate público enfatize os riscos associados às plataformas digitais, a literatura recente demonstra que, para muitos jovens pertencentes a minorias sexuais e de gênero, os ambientes online desempenham funções que vão além do entretenimento ou da comunicação cotidiana. Em diversos casos, as redes sociais constituem espaços privilegiados de construção identitária, acesso à informação, apoio emocional e formação de comunidades de pertencimento.

Essa constatação torna-se particularmente relevante quando se considera a especificidade do desenvolvimento adolescente. Conforme discutido anteriormente, a adolescência é marcada pela busca de reconhecimento, pela necessidade de pertencimento e pela construção progressiva da identidade pessoal. Para muitos adolescentes heterossexuais e cisgêneros, essas necessidades podem ser parcialmente satisfeitas nos ambientes familiares, escolares e comunitários. Entretanto, adolescentes LGBTQIA+ nem sempre encontram em seus contextos imediatos referências positivas capazes de apoiar adequadamente esse processo.

Nesse sentido, Harrison V (2025) observa que os meios digitais ocupam posição central na vida cotidiana dos adolescentes contemporâneos, influenciando processos de socialização, acesso à informação e construção das relações interpessoais. As plataformas digitais permitem que adolescentes encontrem pessoas com experiências semelhantes às suas, mesmo quando vivem em localidades onde a diversidade sexual ou de gênero é pouco visível ou socialmente estigmatizada.

A possibilidade de contato com indivíduos que compartilham vivências semelhantes representa um recurso particularmente importante durante a adolescência. Diversos jovens relatam que o primeiro contato com outras pessoas LGBTQIA+ ocorreu por meio da internet, antes mesmo de encontrarem referências presenciais em seus ambientes



cotidianos. Essa experiência pode contribuir para reduzir sentimentos de estranhamento, solidão e isolamento, oferecendo evidências concretas de que não estão sozinhos em suas vivências.

A literatura sobre desenvolvimento adolescente enfatiza que a construção da identidade depende, em grande medida, da possibilidade de interação com grupos de referência. Foulkes L (2024) observa que os adolescentes aprendem quem são também por meio das relações que estabelecem com seus pares. Os grupos oferecem modelos, valores, linguagens e formas de interpretação da realidade que ajudam os jovens a organizar suas experiências pessoais. Para adolescentes LGBTQIA+, as redes sociais frequentemente ampliam significativamente o acesso a esses grupos de referência. Ehrenreich SE (2022) demonstra que as relações entre pares continuam sendo um dos elementos mais importantes do desenvolvimento adolescente, sendo as plataformas digitais uma extensão significativa desses processos relacionais.

Outro aspecto importante refere-se ao acesso à informação. Historicamente, muitos adolescentes LGBTQIA+ cresceram em contextos nos quais informações sobre diversidade sexual e identidade de gênero eram escassas ou fortemente marcadas por estereótipos. As plataformas digitais modificaram esse cenário ao permitir acesso relativamente amplo a conteúdos educativos, relatos pessoais, materiais de apoio e experiências compartilhadas por indivíduos de diferentes contextos sociais e culturais.

Esse acesso à informação pode favorecer processos importantes de autocompreensão. Durante a adolescência, muitos jovens procuram compreender sentimentos, desejos e experiências que nem sempre conseguem nomear adequadamente. O contato com relatos de outras pessoas que passaram por situações semelhantes pode contribuir para reduzir a ansiedade associada à incerteza identitária e ampliar a compreensão sobre a própria experiência.

Twenge JM (2018) observa que as redes sociais transformaram profundamente os modos pelos quais adolescentes acessam informação e constroem relações sociais. Embora a autora enfatize diversos riscos associados à conectividade permanente, suas análises também ajudam a compreender como as plataformas digitais ampliaram o acesso a comunidades que anteriormente seriam geograficamente inacessíveis para muitos jovens.

Além do acesso à informação, as redes sociais oferecem oportunidades para a formação de vínculos afetivos e redes de apoio. Harrison V, et al. (2025) destacam que adolescentes LGBTQIA+ frequentemente utilizam ambientes digitais para estabelecer



amizades, participar de grupos de interesse comum e construir conexões que proporcionam suporte emocional em momentos de dificuldade. Em muitos casos, esses vínculos representam importantes fatores de proteção contra sentimentos de isolamento e desesperança.

Essa função de apoio social merece atenção especial porque a literatura sobre saúde mental tem demonstrado consistentemente que a presença de relações significativas constitui um dos principais fatores de proteção psicológica durante a adolescência. A percepção de que existem pessoas capazes de compreender, acolher e validar experiências pessoais está associada a melhores indicadores de bem-estar emocional e adaptação social.

As redes sociais também podem favorecer a exploração da identidade em ambientes percebidos como relativamente seguros. Muitos adolescentes experimentam formas de expressão pessoal, participação em comunidades e compartilhamento de experiências inicialmente no espaço digital antes de fazê-lo em contextos presenciais. Essa possibilidade de explorar aspectos da identidade em ambientes menos ameaçadores pode contribuir para o desenvolvimento da autoconfiança e da autonomia pessoal.

Outro aspecto frequentemente destacado pela literatura refere-se à representatividade. O aumento da presença de pessoas LGBTQIA+ em diferentes espaços digitais ampliou a disponibilidade de modelos de identificação para adolescentes. Influenciadores, criadores de conteúdo, profissionais, artistas e indivíduos comuns compartilham experiências que podem funcionar como referências positivas para jovens em processo de construção identitária.

A importância dessas referências não deve ser subestimada. A ausência de modelos positivos frequentemente contribui para sentimentos de invisibilidade e marginalização. Por outro lado, a possibilidade de observar pessoas que vivem experiências semelhantes e alcançam diferentes formas de realização pessoal pode ampliar horizontes e fortalecer expectativas positivas em relação ao futuro.

Entretanto, reconhecer os benefícios potenciais das redes sociais não significa ignorar suas limitações. Os espaços digitais não substituem integralmente as relações presenciais, o apoio familiar ou os vínculos comunitários. Além disso, as mesmas plataformas que oferecem acolhimento e pertencimento podem também tornar-se ambientes de exclusão, hostilidade e violência simbólica.

Ainda assim, as evidências analisadas sugerem que as redes sociais desempenham papel singular na vida de muitos adolescentes LGBTQIA+. Diferentemente do que ocorre



em outros grupos juvenis, para os quais as plataformas digitais podem representar apenas uma extensão das relações já existentes, para diversos jovens pertencentes a minorias sexuais e de gênero elas frequentemente constituem uma das primeiras oportunidades concretas de encontrar pessoas semelhantes, acessar informações relevantes e participar de comunidades de apoio.

Desta forma, a análise das redes sociais na vida de adolescentes LGBTQIA+ exige uma perspectiva equilibrada. As plataformas digitais não devem ser compreendidas apenas como fontes de risco nem como soluções automáticas para os desafios enfrentados por esses jovens. Elas funcionam como ambientes complexos, capazes de oferecer simultaneamente oportunidades de pertencimento, apoio e construção da identidade. Compreender essa dimensão positiva constitui passo fundamental para uma avaliação mais abrangente das relações entre diversidade sexual, adolescência e cultura digital.

ESTRESSE MINORITÁRIO, CYBERBULLYING E VULNERABILIDADES DIGITAIS

Embora as redes sociais possam oferecer oportunidades importantes de apoio e pertencimento para adolescentes LGBTQIA+, a literatura demonstra que esses mesmos ambientes frequentemente reproduzem desigualdades, preconceitos e formas de violência presentes nos espaços offline. Em consequência, muitos jovens pertencentes a minorias sexuais e de gênero vivenciam a experiência digital de maneira significativamente distinta daquela experimentada por seus pares heterossexuais e cisgêneros.

A compreensão dessas diferenças exige considerar que a saúde mental não é determinada exclusivamente por características individuais. Ela é influenciada também pelas condições sociais nas quais os sujeitos vivem e desenvolvem suas relações. Nesse contexto, a Teoria do Estresse Minoritário, desenvolvida por Meyer IH (2003), oferece uma importante estrutura conceitual para compreender por que determinados grupos apresentam maior vulnerabilidade ao sofrimento psicológico.

Segundo essa perspectiva, indivíduos pertencentes a grupos historicamente marginalizados enfrentam formas adicionais de estresse que não decorrem de características pessoais, mas das experiências de preconceito, discriminação, exclusão e violência às quais estão expostos. O estresse minoritário não substitui os desafios comuns enfrentados por todas as pessoas; ele acrescenta novas camadas de pressão psicológica relacionadas à posição social ocupada por determinados grupos.

Aplicada à adolescência, essa teoria ajuda a compreender por que muitos jovens LGBTQIA+ apresentam indicadores mais elevados de ansiedade, depressão, solidão,



ideação suicida e sofrimento emocional quando comparados aos seus pares heterossexuais. A explicação não reside na orientação sexual ou na identidade de gênero em si mesmas, mas nas condições sociais frequentemente associadas a essas experiências.

Estudiosos destacam que adolescentes LGBTQIA+ relatam níveis significativamente mais elevados de exposição ao bullying, ao cyberbullying e a diferentes formas de assédio online quando comparados a outros grupos juvenis. A internet, embora amplie oportunidades de conexão e apoio, também expõe esses adolescentes a discursos hostis, ataques pessoais, ameaças e formas diversas de violência simbólica. Os autores observam ainda que a persistência dessas agressões está associada a maiores níveis de ansiedade, sofrimento emocional e comprometimento do bem-estar psicológico (SWEARER SM, et al., 2025).

O cyberbullying merece atenção especial nesse contexto. Diferentemente do bullying tradicional, que normalmente está limitado a determinados espaços e horários, a violência digital possui potencial de continuidade praticamente permanente. Comentários ofensivos, mensagens hostis, exposição pública, divulgação de rumores e campanhas de humilhação podem acompanhar os adolescentes para além dos muros da escola, alcançando suas casas e seus espaços privados.

A literatura mostra que adolescentes LGBTQIA+ não apenas sofrem cyberbullying com maior frequência, mas também tendem a experimentar impactos emocionais mais intensos decorrentes dessas agressões. Isso ocorre porque muitas vezes os ataques dirigem-se precisamente a aspectos centrais da identidade em processo de construção. Em uma fase da vida marcada pela busca de pertencimento e reconhecimento, a rejeição baseada na orientação sexual ou na identidade de gênero pode produzir efeitos particularmente profundos.

Foulkes L (2024) observa que os danos à saúde mental e o sofrimento psicológico decorrentes da exclusão social durante a adolescência possuem consequências que frequentemente ultrapassam o período escolar, influenciando autoestima, confiança interpessoal e percepção de valor pessoal por longos períodos. Quando essas experiências de exclusão são reforçadas continuamente em ambientes digitais, seus efeitos podem tornar-se ainda mais significativos.

Outro aspecto relevante refere-se à expectativa constante de rejeição. A Teoria do Estresse Minoritário destaca que o sofrimento psicológico não deriva apenas de experiências concretas de discriminação, mas também da necessidade permanente de



monitorar ambientes potencialmente hostis. Muitos adolescentes LGBTQIA+ aprendem a avaliar cuidadosamente quando, onde e para quem podem revelar aspectos importantes de sua identidade.

Nas redes sociais, essa vigilância assume formas particulares. Jovens podem preocupar-se com comentários negativos, reações familiares, exposição involuntária de informações pessoais ou ataques vindos de desconhecidos. Em consequência, atividades aparentemente simples, como publicar conteúdos, participar de grupos ou expressar opiniões pessoais, podem envolver níveis significativos de tensão emocional.

A situação torna-se ainda mais complexa quando se consideram os mecanismos algorítmicos presentes nas plataformas digitais. Harrison V, et al. (2025) observam que algoritmos de recomendação influenciam significativamente os conteúdos aos quais os adolescentes são expostos. Embora esses sistemas possam facilitar o acesso a comunidades de apoio e informações relevantes, também podem aumentar a exposição a conteúdos discriminatórios, discursos extremistas ou mensagens hostis.

Essa característica distingue a experiência contemporânea das formas tradicionais de discriminação. Não se trata apenas de encontrar preconceito ocasionalmente, mas de habitar ambientes digitais nos quais sistemas automatizados podem amplificar conteúdos emocionalmente intensos, controversos ou polarizadores em razão de sua capacidade de gerar engajamento.

A análise torna-se ainda mais importante quando se observa a relação entre discriminação e saúde mental. Galinsky E (2024) demonstra que adolescentes que relatam experiências frequentes de discriminação apresentam maiores níveis de estresse, menor engajamento escolar, pior humor, redução da autoestima e aumento de sentimentos de desesperança. Embora a autora não trate especificamente da população LGBTQIA+, suas conclusões ajudam a compreender os efeitos psicológicos produzidos pela rejeição social persistente.

Nesse contexto, a solidão emerge como uma variável particularmente importante. Harrison V, et al. (2025) destacam que muitos adolescentes pertencentes a minorias sexuais e de gênero experimentam sentimentos de isolamento não apenas porque sofrem discriminação direta, mas também porque percebem ausência de compreensão e apoio em seus ambientes imediatos. A sensação de ser diferente ou incompreendido pode contribuir significativamente para o sofrimento emocional.

Twenge JM (2018) identifica a solidão como um dos fenômenos mais relevantes da adolescência atual, observando que o aumento da conectividade digital não foi



acompanhado por crescimento proporcional dos sentimentos de pertencimento e proximidade interpessoal. Para adolescentes LGBTQIA+, essa realidade pode assumir contornos ainda mais complexos, uma vez que a mera presença em redes sociais não garante necessariamente relações significativas ou apoio emocional efetivo.

Haidt J (2024) acrescenta que a adolescência contemporânea é marcada por uma crescente transferência das experiências sociais para ambientes digitais, fenômeno que modifica profundamente as formas pelas quais os jovens constroem amizades, resolvem conflitos e desenvolvem competências emocionais. Quando essas experiências ocorrem em contextos permeados por discriminação ou hostilidade, os efeitos sobre a saúde mental podem ser substanciais.

Entretanto, seria equivocado concluir que adolescentes LGBTQIA+ constituem apenas um grupo passivo diante dessas vulnerabilidades. A própria literatura mostra que muitos jovens desenvolvem estratégias de resistência, constroem redes de apoio, participam de comunidades acolhedoras e utilizam as plataformas digitais para fortalecer a autoestima e o sentimento de pertencimento. A existência do estresse minoritário não elimina a capacidade de adaptação e resiliência dos indivíduos.

Ainda assim, os dados analisados indicam que as vulnerabilidades digitais enfrentadas por adolescentes LGBTQIA+ não podem ser compreendidas apenas como problemas individuais. Elas refletem dinâmicas sociais mais amplas, que encontram nas plataformas digitais novos meios de expressão e disseminação. Compreender essas dinâmicas é fundamental para o desenvolvimento de estratégias educativas, familiares e institucionais capazes de promover ambientes digitais mais seguros, inclusivos e favoráveis ao desenvolvimento saudável dos jovens.

Desta forma, a análise do estresse minoritário, do cyberbullying e das vulnerabilidades digitais revela a complexidade da experiência online vivida por adolescentes LGBTQIA+. As redes sociais podem oferecer apoio, pertencimento e reconhecimento, mas também podem reproduzir mecanismos de exclusão e sofrimento presentes no mundo offline. É precisamente essa ambivalência que torna necessária uma abordagem crítica e equilibrada das relações entre diversidade sexual, adolescência e cultura digital.



INTERSECCIONALIDADE E EXPERIÊNCIAS LGBTQIA+ NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

A análise das relações entre adolescência, diversidade sexual e redes sociais exige reconhecer que adolescentes LGBTQIA+ não constituem um grupo homogêneo. Embora compartilhem determinadas experiências relacionadas à orientação sexual ou à identidade de gênero, suas trajetórias são influenciadas simultaneamente por outros fatores sociais, culturais e econômicos que produzem formas distintas de privilégio, vulnerabilidade e exclusão.

Essa perspectiva encontra fundamento na teoria da interseccionalidade, desenvolvida por Crenshaw K (1989). Segundo essa abordagem, diferentes categorias sociais – como gênero, raça, classe social, orientação sexual, identidade de gênero, religião e deficiência – não atuam isoladamente. Elas se cruzam e interagem, produzindo experiências específicas que não podem ser compreendidas adequadamente quando analisadas separadamente.

Aplicada à adolescência, essa perspectiva permite compreender que a experiência digital de uma adolescente lésbica branca de classe média não é necessariamente equivalente à de uma adolescente lésbica negra, de um adolescente gay latino, de uma jovem transgênero ou de um adolescente não binário. Embora todos possam enfrentar desafios relacionados à diversidade sexual ou de gênero, os contextos sociais em que vivem produzem formas distintas de exposição ao preconceito, acesso a recursos e oportunidades de apoio.

Popoviciu CM (2025) destaca que adolescentes pertencentes simultaneamente a múltiplos grupos minoritários frequentemente apresentam maior exposição a experiências negativas no ambiente digital. Jovens LGBTQIA+ negros, indígenas, imigrantes ou pertencentes a minorias religiosas podem enfrentar formas sobrepostas de discriminação que ampliam significativamente sua vulnerabilidade psicológica e social.

Essa realidade desafia interpretações excessivamente generalizantes. Durante muito tempo, parte da literatura tratou populações LGBTQIA+ como um grupo relativamente uniforme. Entretanto, pesquisas recentes demonstram que as diferenças internas podem ser tão importantes quanto as diferenças observadas entre grupos majoritários e minoritários.

No ambiente digital, essas intersecções tornam-se particularmente visíveis. As redes sociais permitem que adolescentes encontrem comunidades específicas relacionadas às suas experiências individuais. Um jovem gay negro, por exemplo, pode encontrar espaços



de pertencimento que abordam simultaneamente questões raciais e de orientação sexual. Da mesma forma, adolescentes transgêneros podem acessar grupos especializados em questões relacionadas à identidade de gênero, saúde, direitos civis e experiências de transição.

Essa possibilidade constitui uma das principais contribuições positivas das plataformas digitais para grupos historicamente marginalizados. Enquanto muitos contextos presenciais oferecem acesso limitado a pessoas com experiências semelhantes, a internet amplia significativamente as oportunidades de encontro entre indivíduos que compartilham trajetórias específicas.

Contudo, a interseccionalidade também ajuda a compreender por que determinados adolescentes enfrentam formas mais intensas de violência online. Popoviciu CM (2025) observa que mulheres LGBTQIA+, especialmente aquelas pertencentes a minorias raciais, frequentemente relatam níveis mais elevados de assédio digital, ataques à reputação, discursos de ódio e ameaças online. Nesses casos, diferentes formas de preconceito atuam simultaneamente, produzindo experiências particularmente complexas de vulnerabilidade.

A análise interseccional também contribui para compreender diferenças no acesso aos recursos digitais. Nem todos os adolescentes possuem as mesmas condições materiais para utilizar plataformas digitais, participar de comunidades online ou acessar informações relevantes. Fatores econômicos, educacionais e geográficos influenciam significativamente a forma como as tecnologias são utilizadas e os benefícios que podem proporcionar.

Além disso, contextos culturais e religiosos exercem influência importante sobre as experiências de adolescentes LGBTQIA+. Jovens inseridos em ambientes familiares ou comunitários fortemente conservadores podem enfrentar desafios distintos daqueles vividos por adolescentes pertencentes a contextos mais inclusivos. Em alguns casos, as redes sociais tornam-se um dos poucos espaços disponíveis para explorar aspectos da identidade sem risco imediato de sanções sociais.

A interseccionalidade também permite evitar um erro frequente nos debates contemporâneos: a redução dos indivíduos a uma única característica identitária. Adolescentes LGBTQIA+ não são definidos exclusivamente por sua orientação sexual ou identidade de gênero. Eles também são estudantes, filhos, filhas, amigos, atletas, artistas, membros de comunidades religiosas, participantes de grupos culturais e sujeitos portadores de múltiplas dimensões identitárias.

Essa observação é particularmente relevante para a promoção da saúde mental. A literatura demonstra que fatores de proteção frequentemente emergem justamente dessas



múltiplas formas de pertencimento. Jovens que conseguem desenvolver vínculos positivos em diferentes esferas da vida tendem a apresentar maior capacidade de enfrentamento diante de experiências de discriminação ou exclusão.

Ao mesmo tempo, a perspectiva interseccional contribui para uma compreensão mais sofisticada dos algoritmos e das dinâmicas digitais. As plataformas não distribuem visibilidade, reconhecimento e oportunidades de participação de maneira neutra. Diferentes grupos podem experimentar níveis distintos de representação, exposição e reconhecimento, reproduzindo desigualdades já existentes na sociedade.

Nesse sentido, a interseccionalidade revela que a experiência digital dos adolescentes LGBTQIA+ não pode ser reduzida a uma narrativa única de risco ou proteção. As plataformas digitais constituem espaços complexos, nos quais diferentes formas de identidade, pertencimento e poder se encontram e se transformam continuamente.

Compreender essa diversidade interna é essencial para o desenvolvimento de políticas públicas, estratégias educacionais e práticas de cuidado que respeitem a pluralidade das experiências juvenis. Mais do que identificar vulnerabilidades gerais, torna-se necessário reconhecer que diferentes adolescentes LGBTQIA+ podem necessitar de formas distintas de apoio, acolhimento e proteção.

A teoria da interseccionalidade, portanto, amplia significativamente a compreensão das relações entre diversidade sexual, adolescência e cultura digital. Ela demonstra que a pergunta central não é apenas como as redes sociais afetam adolescentes LGBTQIA+, mas também quais adolescentes LGBTQIA+ estão sendo considerados, em quais contextos sociais vivem e quais outras dimensões de suas identidades influenciam suas experiências online. Essa perspectiva permite uma análise mais rigorosa, mais inclusiva e mais próxima da complexidade que caracteriza a adolescência contemporânea.

REDES SOCIAIS, SAÚDE MENTAL E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

A análise realizada ao longo deste estudo sugere que a relação entre adolescentes LGBTQIA+, redes sociais e saúde mental não pode ser compreendida por meio de categorias simplificadoras. As plataformas digitais não atuam exclusivamente como fatores de risco nem exclusivamente como instrumentos de proteção. Seus efeitos dependem das características dos sujeitos, dos contextos sociais em que estão inseridos e das formas específicas pelas quais são utilizadas durante um período particularmente sensível do desenvolvimento humano.



A adolescência é reconhecida pela literatura como uma fase de intensa construção identitária. Conforme observa Steinberg L (2017), os jovens passam por profundas transformações cognitivas, emocionais e sociais que os levam a questionar quem são, quais valores desejam assumir e qual lugar ocupam no mundo. A busca por coerência identitária, pertencimento social e reconhecimento interpessoal constitui uma das tarefas centrais desse período do desenvolvimento.

Para adolescentes LGBTQIA+, esse processo frequentemente envolve desafios adicionais. Questões relacionadas à orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero surgem em uma etapa da vida já marcada por inseguranças, mudanças corporais e forte dependência da aprovação dos pares. Em consequência, a construção da identidade tende a ocorrer em meio a tensões que incluem expectativas sociais, normas culturais e possíveis experiências de rejeição.

Nesse contexto, as redes sociais assumem importância singular. Diferentemente das gerações anteriores, os adolescentes contemporâneos dispõem de ambientes digitais capazes de fornecer acesso imediato a informações, comunidades e modelos de identificação. Para muitos jovens LGBTQIA+, as plataformas digitais representam um dos primeiros espaços onde encontram narrativas capazes de refletir suas próprias experiências.

Essa possibilidade de reconhecimento possui implicações importantes para a saúde mental. A literatura psicológica demonstra que o sentimento de pertencimento constitui uma necessidade humana fundamental. Estudiosos observam que a construção da identidade adolescente ocorre por meio de processos contínuos de interação social e reflexão pessoal, nos quais os ambientes digitais passaram a desempenhar papel cada vez mais relevante (MORITA H, et al., 2022). Quando adolescentes encontram pessoas que compartilham experiências semelhantes, tendem a desenvolver maior sensação de validação, compreensão e aceitação. O acesso a comunidades de apoio pode reduzir sentimentos de isolamento e contribuir para uma percepção mais positiva de si mesmos.

Inúmeros estudiosos destacam que muitos adolescentes LGBTQIA+ utilizam as redes sociais precisamente para buscar informação, apoio emocional e conexão com pares que enfrentam desafios semelhantes. Essas experiências podem funcionar como importantes fatores de proteção psicológica, especialmente em contextos nos quais o apoio familiar ou comunitário é limitado.

Ao mesmo tempo, a formação da identidade não ocorre apenas por meio do reconhecimento positivo. Ela também é influenciada pelas experiências de rejeição e



exclusão. A Teoria do Estresse Minoritário demonstra que indivíduos pertencentes a grupos marginalizados frequentemente enfrentam formas adicionais de sofrimento associadas ao preconceito, à discriminação e à expectativa constante de rejeição (MEYER IH, 2003). Para adolescentes LGBTQIA+, essas experiências podem interferir significativamente na construção de uma autoimagem saudável e na consolidação da autoestima.

As redes sociais ampliam essa ambivalência. Os mesmos ambientes que oferecem apoio podem também expor os adolescentes a discursos de ódio, cyberbullying e violência simbólica. Em consequência, muitos jovens transitam continuamente entre experiências de acolhimento e experiências de hostilidade. Essa oscilação ajuda a compreender por que os efeitos das plataformas digitais sobre a saúde mental são frequentemente contraditórios.

Twenge JM (2018) observa que os indicadores de sofrimento psicológico entre adolescentes cresceram significativamente nas últimas décadas, coincidindo com a expansão dos smartphones e das redes sociais. Haidt J (2024) apresenta conclusão semelhante ao argumentar que a transformação digital da infância e da adolescência modificou profundamente os processos de socialização juvenil. Embora tais fenômenos afetem amplamente a população adolescente, seus impactos podem ser particularmente intensos entre grupos já expostos a vulnerabilidades sociais específicas.

Entretanto, a literatura analisada permite evitar interpretações deterministas. As redes sociais não produzem inevitavelmente sofrimento psicológico. Da mesma forma, a pertença a uma minoria sexual ou de gênero não conduz necessariamente a problemas de saúde mental. Os resultados observados dependem da interação entre múltiplos fatores, incluindo qualidade das relações familiares, apoio dos pares, clima escolar, contexto comunitário e experiências vividas no ambiente digital.

A perspectiva interseccional reforça essa compreensão. Como demonstrado anteriormente, adolescentes LGBTQIA+ não constituem um grupo uniforme. Experiências relacionadas à raça, etnia, classe social, religião, deficiência e localização geográfica influenciam significativamente as formas pelas quais esses jovens utilizam as redes sociais e interpretam suas experiências online. Consequentemente, não existe uma única trajetória de desenvolvimento identitário para adolescentes LGBTQIA+, mas uma pluralidade de percursos marcados por diferentes combinações de recursos e vulnerabilidades.

Outro aspecto importante refere-se ao papel da representação. A presença crescente de pessoas LGBTQIA+ em ambientes digitais ampliou o acesso dos adolescentes a modelos positivos de identificação. Influenciadores, ativistas, profissionais e criadores de conteúdo compartilham experiências que ajudam a demonstrar a



possibilidade de trajetórias bem-sucedidas e socialmente integradas. Essas referências podem contribuir para reduzir sentimentos de invisibilidade e ampliar expectativas positivas em relação ao futuro.

Do ponto de vista da saúde mental, essa representatividade possui relevância significativa. A possibilidade de imaginar um futuro viável e digno constitui elemento fundamental para o desenvolvimento psicológico saudável. Jovens que encontram exemplos positivos de pessoas semelhantes a si tendem a desenvolver maior esperança, autoconfiança e capacidade de projetar perspectivas futuras.

Ao analisar conjuntamente os dados apresentados, torna-se evidente que as redes sociais participam ativamente dos processos de formação da identidade contemporânea. Elas não são apenas instrumentos de comunicação, mas ambientes nos quais adolescentes observam, experimentam, negociam e constroem aspectos centrais de suas identidades pessoais e sociais. Para adolescentes LGBTQIA+, essa função adquire importância ainda maior em razão da necessidade frequente de encontrar espaços seguros para explorar questões relacionadas à orientação sexual e à identidade de gênero.

A principal contribuição da literatura analisada consiste justamente em revelar a complexidade dessa relação. As plataformas digitais podem fortalecer a autoestima ou intensificar a insegurança; podem promover pertencimento ou reforçar o isolamento; podem oferecer apoio emocional ou ampliar experiências de discriminação. Sua influência não é unidirecional, mas profundamente dependente dos contextos sociais e das experiências concretas vividas pelos adolescentes.

Desta forma, compreender a saúde mental de adolescentes LGBTQIA+ na era digital exige abandonar visões simplificadoras e reconhecer a natureza ambivalente das redes sociais. Elas constituem simultaneamente espaços de risco e de proteção, de vulnerabilidade e de resistência, de exclusão e de pertencimento. É precisamente nessa tensão que se desenvolvem muitos dos processos identitários que caracterizam a adolescência contemporânea.

DISCUSSÃO

Os resultados da presente investigação confirmam que a experiência dos adolescentes LGBTQIA+ no ambiente digital é marcada por uma dinâmica complexa e ambivalente. As redes sociais e demais plataformas digitais não podem ser compreendidas exclusivamente como fatores de risco ou de proteção, mas como espaços nos quais oportunidades e vulnerabilidades coexistem de maneira simultânea. Essa constatação



converge com os estudos recentes sobre juventude e mídias digitais, que enfatizam a necessidade de superar interpretações simplistas acerca dos impactos da tecnologia sobre o desenvolvimento adolescente.

Os achados corroboram as análises de Twenge JM (2018) e Haidt J (2024), que identificam mudanças significativas nos processos de socialização juvenil associadas à expansão dos smartphones e das redes sociais. Entretanto, o presente estudo evidencia que tais transformações não afetam todos os adolescentes de maneira uniforme. Os jovens LGBTQIA+ frequentemente enfrentam desafios adicionais decorrentes da discriminação, da rejeição social e das dificuldades de reconhecimento de suas identidades em diferentes contextos sociais. Nesse sentido, as contribuições de Meyer IH (2003) acerca da Teoria do Estresse Minoritário mostram-se particularmente relevantes para compreender por que determinados grupos apresentam maior vulnerabilidade ao sofrimento psicológico.

Por outro lado, os resultados também reforçam a importância das redes sociais como espaços de pertencimento e apoio social. Conforme observado por Maes C, et al. (2025), os ambientes digitais podem favorecer processos de exploração identitária e acesso a comunidades de apoio, especialmente para adolescentes que não encontram acolhimento em seus contextos familiares ou escolares. Da mesma forma, Popoviciu CM (2025) demonstra que os espaços digitais podem ampliar a visibilidade de identidades historicamente marginalizadas, contribuindo para processos de reconhecimento e validação pessoal.

Os achados relacionados ao cyberbullying e ao discurso de ódio também estão em consonância com as análises de Swearer SM, et al. (2025), que destacam a maior exposição de grupos minoritários a formas de violência simbólica e assédio online. Nesse contexto, a perspectiva da interseccionalidade proposta por Crenshaw K (1989) permite compreender que fatores como gênero, orientação sexual, raça, classe social e contexto cultural frequentemente se combinam, criando experiências diferenciadas de vulnerabilidade e exclusão.

As implicações dos resultados alcançam diferentes áreas do conhecimento e da intervenção social. No campo educacional, os dados reforçam a necessidade de promover práticas de cidadania digital, convivência respeitosa e valorização da diversidade. No âmbito da saúde mental, apontam para a importância de estratégias preventivas e de apoio psicossocial voltadas para adolescentes que enfrentam experiências de discriminação e exclusão. Já no contexto das políticas públicas, os resultados sugerem a necessidade de



ações que promovam ambientes digitais mais seguros, inclusivos e comprometidos com a proteção dos direitos de crianças e adolescentes.

Como toda pesquisa de natureza bibliográfica, este estudo apresenta limitações. As análises foram construídas a partir da interpretação de pesquisas previamente publicadas, não envolvendo coleta direta de dados empíricos junto a adolescentes. Além disso, a literatura disponível ainda apresenta concentração significativa em estudos realizados na América do Norte e na Europa, o que indica a necessidade de ampliar investigações voltadas para contextos latino-americanos e brasileiros.

Por fim, recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a compreensão das experiências digitais de diferentes grupos LGBTQIA+, considerando suas especificidades internas e a interação entre fatores sociais, culturais, econômicos e psicológicos. Estudos empíricos que investiguem diretamente as percepções e vivências dos adolescentes poderão contribuir para uma compreensão mais abrangente dos desafios e potencialidades presentes na relação entre juventude, diversidade sexual e ambiente digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar o papel desempenhado pelas redes sociais na vida de adolescentes LGBTQIA+, investigando suas implicações para a construção da identidade, o sentimento de pertencimento e a saúde mental. A partir da revisão da literatura especializada, verificou-se que a relação entre juventude, diversidade sexual e cultura digital não pode ser adequadamente compreendida por meio de interpretações simplistas que apresentem as plataformas digitais apenas como fatores de risco ou apenas como instrumentos de proteção.

A adolescência constitui um período particularmente importante para a formação da identidade pessoal e social. Trata-se de uma etapa marcada pela busca de reconhecimento, pela necessidade de pertencimento e pela construção progressiva de uma compreensão mais estável de si mesmo. Para adolescentes LGBTQIA+, esse processo frequentemente ocorre em meio a desafios adicionais relacionados à discriminação, ao preconceito, à invisibilidade social e à dificuldade de encontrar espaços seguros de acolhimento e expressão.

Nesse contexto, as redes sociais assumem relevância singular. Diferentemente das gerações anteriores, os jovens contemporâneos dispõem de ambientes digitais capazes de conectar indivíduos geograficamente distantes, ampliar o acesso à informação e favorecer a formação de comunidades baseadas em interesses, experiências e identidades



compartilhadas. Para muitos adolescentes LGBTQIA+, essas plataformas representam uma das primeiras oportunidades concretas de encontrar pessoas com trajetórias semelhantes às suas, reduzindo sentimentos de isolamento e ampliando possibilidades de reconhecimento e pertencimento.

A literatura analisada demonstra que os ambientes digitais podem funcionar como importantes fatores de proteção psicológica. O acesso a grupos de apoio, comunidades virtuais, conteúdos educativos e modelos positivos de identificação contribui para fortalecer processos de autocompreensão e construção identitária. Em muitos casos, as redes sociais oferecem recursos que não estão disponíveis nos contextos familiares, escolares ou comunitários imediatos dos adolescentes.

Entretanto, os mesmos ambientes que proporcionam acolhimento também podem reproduzir mecanismos de exclusão presentes na sociedade. Cyberbullying, discursos de ódio, assédio online e diferentes formas de discriminação continuam a afetar significativamente adolescentes pertencentes a minorias sexuais e de gênero. A Teoria do Estresse Minoritário mostrou-se particularmente útil para compreender como experiências recorrentes de rejeição e preconceito podem contribuir para o agravamento de indicadores relacionados à ansiedade, depressão, solidão e sofrimento psicológico. Estudiosos observam que adolescentes LGBTQIA+ apresentam taxas mais elevadas de sofrimento psicológico quando expostos simultaneamente a discriminação social e a ambientes digitais hostis (YUE Z, et al., 2025).

A análise interseccional permitiu aprofundar essa compreensão ao demonstrar que não existe uma única experiência LGBTQIA+ nas redes sociais. Diferentes combinações de fatores relacionados à raça, classe social, religião, gênero, identidade de gênero e contexto cultural fazem com que haja trajetórias diversas, marcadas por distintos níveis de vulnerabilidade e acesso a recursos de proteção. Essa constatação reforça a necessidade de evitar generalizações excessivas e de reconhecer a pluralidade das experiências juvenis contemporâneas.

Um dos principais resultados desta investigação consiste em demonstrar que as redes sociais participam ativamente dos processos de formação da identidade adolescente. Elas não funcionam apenas como canais de comunicação, mas como ambientes nos quais os jovens observam modelos, estabelecem relações, experimentam formas de expressão pessoal e constroem narrativas sobre si mesmos. Para adolescentes LGBTQIA+, essa dimensão assume importância ainda maior, uma vez que muitas das questões relacionadas



à orientação sexual e à identidade de gênero são elaboradas precisamente nesses espaços de interação digital.

Ao mesmo tempo, a literatura examinada sugere que os efeitos das redes sociais sobre a saúde mental não são determinados exclusivamente pela tecnologia. Fatores familiares, escolares, comunitários e culturais continuam desempenhando papel decisivo no bem-estar dos adolescentes. As plataformas digitais interagem com essas dimensões, podendo amplificar tanto fatores de proteção quanto fatores de risco já existentes.

As implicações educacionais dessa realidade são significativas. Os resultados apontam para a necessidade de promover formas de educação digital que ultrapassem preocupações meramente técnicas e incluam reflexões sobre convivência, respeito às diferenças, cidadania digital e saúde mental. Da mesma forma, torna-se fundamental fortalecer ambientes familiares e escolares capazes de acolher a diversidade e oferecer suporte adequado aos jovens em seus processos de desenvolvimento.

Mais amplamente, a pesquisa sugere que a questão central não consiste em determinar se as redes sociais são boas ou ruins para adolescentes LGBTQIA+, mas compreender de que maneira elas podem ser utilizadas para favorecer relações mais humanas, seguras e inclusivas. Em uma sociedade cada vez mais conectada, a promoção da saúde mental juvenil dependerá não apenas do acesso às tecnologias, mas da qualidade das experiências sociais construídas dentro e fora dos ambientes digitais.

Por fim, reconhece-se que esta investigação apresenta as limitações próprias de uma pesquisa de natureza teórico-bibliográfica. Estudos futuros poderão aprofundar empiricamente as experiências de adolescentes LGBTQIA+ em diferentes contextos culturais, bem como investigar o impacto de novas plataformas digitais, transformações tecnológicas emergentes e estratégias específicas de promoção do bem-estar psicológico.

Conforme argumenta Third A (2025), a promoção do bem-estar juvenil na era digital exige reconhecer adolescentes não apenas como usuários de tecnologia, mas como sujeitos de direitos capazes de participar ativamente da construção de ambientes digitais mais seguros, inclusivos e humanizadores.

Conclui-se, portanto, que as redes sociais constituem um território ambivalente para adolescentes LGBTQIA+. Elas podem funcionar simultaneamente como espaços de acolhimento e exclusão, reconhecimento e discriminação, fortalecimento e vulnerabilidade. Compreender essa ambivalência é condição indispensável para o desenvolvimento de políticas, práticas educativas e estratégias de cuidado capazes de promover uma adolescência mais saudável, inclusiva e humanizadora na era digital.



REFERÊNCIAS

CRENSHAW K. Demarginalizing the intersection of race and sex: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1989; 1: 139-167.

FOULKES L. *Coming of age: how adolescence shapes us*. London: Penguin Random House UK, 2024.

GALINSKY E. *The breakthrough years: a new scientific framework for raising thriving teens*. New York: Flatiron Books, 2024.

HAIDT J. *The anxious generation: how the great rewiring of childhood is causing an epidemic of mental illness*. New York: Penguin Press, 2024.

HARRISON V. Media's prominence in the lives of youth. In: HARRISON V, COLLIER A e ADELSHEIM S (ed.). *Social media and youth mental health*. Washington: American Psychiatric Association Publishing, 2025; 3-22.

HARRISON V, COLLIER A e ADELSHEIM S (ed.). *Social media and youth mental health*. Washington: American Psychiat Association Publishing, 2025.

LEE AY, SCHREURS L, LIU SX e HANCOCK JT. What makes social media use enhancing or harmful? Understanding social media use and youth well-being. In: HARRISON V, COLLIER A e ADELSHEIM S (ed.). *Social media and youth mental health*. Washington: American Psychiatric Association Publishing, 2025; 105-124.

MAES C, ARIMORO F e CHARMARAMAN L. Sexuality and media: exploration and exploitation. In: HARRISON V, COLLIER A e ADELSHEIM S (ed.). *Social media and youth mental health*. Washington: American Psychiatric Association Publishing, 2025; 23-36.

MEYER IH. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 2003; 129(5): 674-697.

MORITA H, GRIFFIOEN A e GRANIC I. Digital media and the dual aspect of adolescent identity development. In: NESI J, TELZER EH e PRINSTEIN MJ (ed.). *Handbook of adolescent digital media use and mental health*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022; 63-84.

NESI J, TELZER EH e PRINSTEIN MJ (ed.). *Handbook of adolescent digital media use and mental health*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

POPOVICIU CM. Intersectional identities online: race, gender, culture, sex, class. In: HARRISON V, COLLIER A e ADELSHEIM S (ed.). *Social media and youth mental health*. Washington: American Psychiatric Association Publishing, 2025; 157-176.

STEINBERG L. *Adolescence*. 11. ed. New York: McGraw-Hill Education, 2017.



SWEARER SM, CARNEY CM, NOETZEL JS e BARRETT AR. Dignity, diversity, and the challenges of bullying and hateful speech. In: HARRISON V, COLLIER A e ADELSHEIM S (ed.). Social media and youth mental health. Washington: American Psychiatric Association Publishing, 2025; 37-54.

THIRD A. Youth agency, rights, and the promise of a well-designed digital world. In: HARRISON V, COLLIER A e ADELSHEIM S (ed.). Social media and youth mental health. Washington: American Psychiatric Association Publishing, 2025; 235-259.

TWENGE JM. Generations: the real differences between Gen Z, Millennials, Gen X, Boomers, and Silents and what they mean for America's future. New York: Atria Books, 2023.

TWENGE JM. iGen: why today's super-connected kids are growing up less rebellious, more tolerant, less happy and completely unprepared for adulthood. New York: Atria Books, 2018.

YUE Z, et al. Social media and adolescent mental health: clinical implications and approaches. In: HARRISON V, COLLIER A e ADELSHEIM S (ed.). Social media and youth mental health. Washington: American Psychiatric Association Publishing, 2025; 125-140.

